

# DESCOBRIR E ENCOBRIR: A VOCAÇÃO DO MEMORIAL

*Maria do Carmo Lanna Figueiredo\**

## RESUMO

**E**studo das estratégias narrativas que configuram o ler e o escrever no romance de Haroldo Maranhão, **Memorial do fim. (A morte de Machado de Assis)** (1991), a partir de sua relação com a obra machadiana e com a obra sobre o escritor.

*Uma narrativa de ficção seria apenas uma narrativa ou uma espécie de orifício para o universo inteiro? (Osman Lins)*

**D**entre os escritores brasileiros que merecem a distinção de seus pares e da crítica especializada, destaca-se Machado de Assis como figura ímpar. À avantajada fortuna crítica que se debruça sobre a obra do autor, acrescenta-se uma série de escritores que declaradamente se alinham com ela. Seguidores confessos da tradição iniciada por Machado na literatura brasileira, esses escritores tentam construir uma obra cuja originalidade reside na transposição/modificação de estratégias narrativas que, cunhadas e tornadas célebres pelo mestre, serão retomadas por eles em sua expressão artística, como é o caso de Haroldo Maranhão.

No presente estudo, focalizo o seu romance de linhagem biográfica **Memorial do fim. (A morte de Machado de Assis)** (Maranhão, 1991), que contempla as duas facetas citadas. O autor se declara impulsionado pelo desejo de “honrar a narrativa machadiana”, quando escreve sobre os últimos dias do escritor. E a narrativa se constrói a partir da vida e da obra de Machado de Assis, aprendida do relato de seus biógrafos e dos estudos críticos que o elegeram o maior expoente da literatura brasileira, leitura admirada e antiga, fruto “de um amor que remonta à minha adolescên-

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

cia, e que só tem feito aumentar”, segundo depoimento de Haroldo Maranhão constante do próprio romance.

Tais características admitem a sua inclusão em uma categoria que ganha terreno no espaço literário atual e que se mostra cada dia mais fecunda: a leitura-ficção. Situada entre os pólos autor-leitor, a referida categoria ao mesmo tempo revela as duas funções essenciais ao acontecimento literário e interfere nas instâncias narrativas. A identificação autor-leitor, que constitui um dos eixos geradores da experiência, não distingue leitura e escrita. Dissimula, assim, uma rivalidade necessária a duas funções literárias simétricas por similitude e contrariedade, funções tradicionalmente opostas. (Behar, 1984, p. 164-166)

A dissimulação de outro tipo de rivalidade pode também ser percebida na leitura-ficção, obra em que o autor enceta uma homenagem ao escritor modelo, sem anular a sua marca literária pessoal. No caso de Haroldo Maranhão, torna-se válido lembrar que coletâneas de contos, romances, diário e histórias infanto-juvenis tragam o variado perfil desse escritor, já reconhecido pela crítica. O desejo de revisitar um escritor famoso a quem se admira não é suficiente, pois, para apagar essa rivalidade que se deixa entrever na obra do escritor-leitor em relação à supremacia daquele que assim se homenageia.

O livro traz as marcas dessa leitura: sem perder de vista o original, preserva dele alguns elementos, até mesmo quando modifica soluções expressivas de Machado de Assis para melhor atender à transposição de instâncias narrativas, como a que comanda a estrutura do romance e transforma o escritor em personagem. Pode-se ainda lembrar o apelo à leitura na forma com que o narrador trata o mundo em degeneração – próprio da narrativa machadiana – conferindo-lhe papel de destaque no romance. Este amplia o aspecto citado pelo enfoque da doença e da fragilidade do escritor em seus últimos dias, mediante cenas em que, na sobriedade do ambiente e do discurso, destaca-se a decadência. Na criação desse ambiente, o narrador segue Machado, ao conferir identidade às personagens secundárias por meio da descrição em detalhes do relacionamento do escritor com o mundo acadêmico e das letras e com o seu mundo familiar, para então dramatizá-los.

O **Memorial** de 1991, se bem que mais ágil que o seu modelo de 1908, consegue elaborar personagens que, pela ironia, contrastam e alargam o significado do último romance e do último drama vivido pessoalmente pelo mestre. De suas páginas ressoam biografias, estudos críticos sobre Machado e seus romances mais célebres – **Memórias póstumas de Brás Cubas**, **Quincas Borba**, **Esaú e Jacó** e **Memorial de Aires** – acoplados ao livro como exercício de linguagem, colagem de palavras alheias, fonte de informação ou catálogo para a coleta de citações. A forma de inserção do outro, do alheio, nesse romance, parece transformar Maranhão em cúmplice das várias recepções que se vêm pronunciando sobre Machado de Assis.

**Memorial do fim** apropria-se ainda de fatos e de seres conhecidos e com-



provados, para dar a eles um efeito de ficção. Neste caso, ao reconduzir a realidade representada à função designativa, o texto literário materializa uma possibilidade refinada de representação, uma vez que a redundância manifesta a dimensão remissiva, ou seja, não aponta para si mesma, mas representa algo outro, fator que Iser vai assinalar como um dos pressupostos da literatura documental contemporânea (Iser, 1996, p. 27). O procedimento permite torná-los mais instigantes e compreensíveis, principalmente quando a narrativa mostra de forma explícita a relação intertextual que estabelece com os vários elementos escolhidos para a sua construção, como acontece na retomada que o romance faz do seguinte relato da vida de Machado.

Três dos biógrafos do escritor, Lúcia Miguel Pereira, Magalhães Jr. e Luiz Vianna Filho (Pereira, 1988; Magalhães Jr., 1981; Vianna Filho, 1989), informam que, em 1895, ele recebe de amigos o quadro de Fontana “A mulher segurando o livro”, aos quais agradece com um soneto:

*A bela dama ruiva e descansada,  
De olhos languês, macios e perdidos,  
Co'um dos dedos calçados e compridos  
Marca a recente página fechada.*

*Cuidei que, assim pensando, assim colada  
Da fina tela aos flóridos tecidos  
Totalmente calados os sentidos  
Nada diria, totalmente nada.*

*Mas, eis que da tela se despega e anda,  
E diz-me: – “Horácio, Heitor, Cybrão, Miranda,  
C. Pinto, X. Silveira, F. Araújo*

*Mandaram-me aqui para viver contigo.”  
Ó bela dama, a ordens tais não fujo,  
Que bons amigos! Fica comigo!*

Pode-se conferir pelo soneto que, a comando dos amigos, desloca-se a imagem da dama do quadro ao convívio do escritor. O agradecimento de Machado de Assis assume, pois, dupla significação: a forma de perpetuá-lo e torná-lo público alia-se ao alívio que o carinhoso gesto traz à solidão e ao fim de vida do autor, já então bastante abatido pela viuvez e doença. Segundo Maria Helena Werneck, provavelmente Machado de Assis era admirador dessa obra, que não podia adquirir, e que ficava na vitrine de uma galeria, situada na Praça XV, no percurso que o escritor fazia entre o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e a Livraria Garnier na Rua do Ouvidor. (Werneck, 1996, p. 217-219)

O fato será retomado no romance **Memorial do fim** e, além de acolher as interpretações anteriores, permite que se acompanhem as estratégias textuais que Maranhão emprega para construir seu livro. Neste, a personagem Perpétua Penha Nolasco, escritora sob o pseudônimo de Paulo Jatobá, dirige-se à casa do Cosme Ve-

lho para pedir ao moribundo a apresentação de um seu romance: “um palmo de prosa para salvar o volume”, segundo suas palavras. Lá chegando, vai-se postar diante do quadro “A mulher segurando um livro”, peça de destaque na sala de visitas do escritor Machado de Assis. A cena serve de abertura a um evento que se estenderá por nove capítulos e que conta como a moça intenta conseguir a apresentação que, afinal, não ocorre. Ao que tudo indica, o trecho baseia-se nas biografias de Lúcia Miguel Pereira e Magalhães Júnior que, além do episódio anteriormente mencionado, falam da visita que a escritora Abel Juruá, pseudônimo de Iracema Guimarães Vilela, filha do poeta Luís Guimarães Jr., faz a Machado de Assis. Os biógrafos ressaltam a gentileza com que o escritor recebe a visitante, apesar de seu precário estado de saúde. O romance concatena e modifica os três relatos, substituindo a gentileza do escritor pelo cansaço de sua personagem, o Conselheiro Aires, expresso em “um olhar glacial (...) que perdera a doçura se um dia a teve” (Maranhão, 1991, p. 112 e 115) olhar que acaba por expulsar Perpétua Nolasco do seu quarto, sem a apresentação.

Pode-se notar, pelas substituições e interferências tanto nos relatos biográficos quanto no modo de ser da personagem machadiana retratada, a interpretação de leitura que Maranhão confere ao homem Machado de Assis, confundindo-o com o Conselheiro Aires, de cujas maneiras elegantes e sempre bem educadas foge a personagem do seu romance. Como as escritoras e seus pseudônimos, Machado aparecerá de forma múltipla no livro, misturado a suas personagens e à visão do autor que seus biógrafos legam à posteridade, forma que, sem dúvida, o aproxima da construção de personagens de qualquer narrativa.

No romance em pauta, tal construção deixa-se notar, entre outros, no capítulo VI, quando a personagem enferma é construída a partir das figuras de Machado de Assis, Aires e Aguiar. Pela chegada do Barão, visita importante, diz o texto que “O pobre Conselheiro via-se incomodado na sua morte até ali tão plácida”. Mas este mesmo Conselheiro, ao sonhar que chega em casa, mistura-se a Machado e divisa “a sua Carolina de livro à mão” (Maranhão, 1991 p. 112 e 115) a esperá-lo. E recebe a visita do Dr. Mário de Alencar, na casa cujo jardim coincide com o de Aguiar do **Memorial de Aires**. Em termos de estratégia narrativa, nota-se uma fusão/deslocamento das páginas romanescas machadianas e das de seus biógrafos para o texto de chegada que assim lhes amplia o significado e estabelece a sua marca pessoal.

Considero que tal procedimento presta-se também para esclarecer a dimensão remissiva da realidade, referida por Iser e a rivalidade subjacente à leitura-ficção, anteriormente comentadas. A forma com que o romance remete seu leitor às obras com que dialoga, configura novo apelo à leitura que estabelece outro tipo de rivalidade: desloca-a da obra-matriz para as interpretações que proporcionou, principalmente aquelas iniciais do romance **Memorial de Aires**, que se atêm ao caráter autobiográfico da obra.

Como se pode perceber no **Memorial do fim**, as instâncias do autor, do tex-



to e do leitor acham-se intercambiadas, mescladas e em perpétua linha de fuga, alcançando o mesmo valor. O romance mescla em uma mesma entidade o autor e o leitor, tornando a leitura uma continuidade em movimento da experiência literária. O narrador contrasta o seu texto com o de Machado e com outros vários que a ele se referem. Ao reagrupar, mediante citações e revisões do passado, o seu instrumento artístico e o tempo presente, o texto recupera dialeticamente o já feito, sob novas ordenadas culturais e temporais.

Este parece ser o motivo que leva Haroldo Maranhão a colocar-se como personagem de si mesmo e imiscuir-se nos últimos momentos da história, junto com Mário de Alencar, José Veríssimo, Euclides da Cunha, Coelho Neto, Raimundo Correia e Rodrigo Otávio, na figura do moço “hesitante e de óculos (...) leitor que amava a sua obra” e que, no capítulo LI, abraça o escritor moribundo (Maranhão, 1991, p. 112 e 115). Por meio desse subterfúgio, simbolicamente, o narrador insere a possibilidade de tornar-se também herdeiro de Machado de Assis, rivalizando-se com o papel que o escritor em vida confere a Mário de Alencar. Atestado de filiação literária que, de forma ambígua, se move, no romance, do desejo impertinente de Paulo Jatobá ao do moço respeitoso. E metonimicamente se manifesta nas personagens Mário de Alencar e Marcela Valongo, filhos ficcionais do escritor, junto a quem seu autor, Haroldo Maranhão, graças ao romance, permite-se situar.

Essa movimentação parece filtrar um desejo irônico de desautorizar interpretações de biógrafos e estudiosos da obra machadiana. Da mesma forma, aceita até certo ponto o pacto de leitura que, desde as “Páginas de Saudade” de Mário de Alencar, considera o **Memorial de Aires** autobiográfico. Em **Memorial do fim**, embaralham-se as figuras ficcionais e reais que povoam os romances e a vida de Machado de Assis: Leonora pode ser Rosalina, que viria a ser Fidélia, assim como Carmo vem a ser Carolina. Distingue-se, assim, dos primeiros leitores do **Memorial de Aires** que construíram o mito autobiográfico da narrativa.

Com efeito, o livro teve uma fortuna crítica inicial que se preocupou mais em ligá-lo ao autor do que em interpretá-lo. Desprezando a nova fórmula que o escritor empregara – a do diário íntimo – os seus leitores só viam nele o aspecto biográfico. Joaquim Nabuco, em carta a Graça Aranha, exulta ao encontrar no livro o amigo:

*Foi uma delícia para mim ler o novo livro de Machado. Como o escritor é o homem! Como ele se pinta a si mesmo sem sentir! O gosto da minudência, o culto pode-se dizer, amoroso e não intelectual, está visto, e a meticulosa reserva em tudo, a mania segredista que o senhor conhece. Como lhe escrevi a ele, esse livro faz saudade dele, mas também a mata. Sempre o mesmo espírito, a mesma suavidade ou medida, a mesma perfeição.* (Magalhães Jr., v. 4, 1981, p. 354)

Salvador Mendonça, em carta aberta ao escritor, publicada no **Jornal do Comércio**, em 1/9/1908, faz corresponder enredo, gênero e idade de Machado de As-

sis na obra. Ainda na década de 30, biografias e estudos críticos tomam o **Memorial de Aires** como uma de suas peças-chaves, considerando nele a correspondência perfeita entre o homem e suas personagens.

Lúcia Miguel Pereira, em **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico** (1933), refere-se à mudança de tom dos últimos romances e de **Relíquias da casa velha** e à capacidade de Machado de Assis de resistir às facilidades e adversidades da vida. Para a autora, a velhice e a falta de Carolina obrigam Machado “a refugiar-se cada vez mais na pessoa do Conselheiro Aires, que não era mulato nem doente, que podia sorrir de tudo, livre dos dramas interiores. Saía de si, sem sair inteiramente, confundindo-se com o sócia”. Para a estudiosa, no entanto, a maior mudança estaria registrada no **Memorial de Aires**, onde “o grande reservado se traiu, em que o cético manifestou uma inesperada capacidade de viver, de sentir, de vibrar”. Lúcia Miguel Pereira apresenta inúmeras provas de que Aires foi mesmo “uma projeção de Machado”. Por exemplo, o desdobramento entre o narrador e Aguiar, o marido de dona Carmo; os manuscritos do romance, onde Machado de Assis troca diversas vezes o nome de Dona Carmo pelo de Fidélia. Esse último detalhe leva a biógrafa a suspeitar, a partir de uma vaga informação de Sara Costa, sobrinha do escritor, de que haveria uma Fidélia na vida real, figura indiretamente mencionada por Bernardo Oliveira no relato do casamento *in extremis* de Machado. Se bem que tenha depois recuado nesse detalhe, Lúcia revela: “Só uma coisa é certa: uma figura feminina se confundiu no espírito de Machado de Assis, com a da morta querida. E pôs no **Memorial de Aires** a claridade da esperança ao lado da sombra da saudade” (Pereira, 1988, p. 270, p. 273 e p. 276). Essa suspeita será retratada no livro de Maranhão, a partir das personagens Mário de Alencar e Marcela Valongo. A crítica, ao estabelecer a diferença entre as **Memórias póstumas de Brás Cubas** e o **Memorial de Aires**, justifica a mudança de regime das narrativas como o resultado de uma mudança de vida do autor em que se confundem o autor-fictício e o autor-biográfico.

Em **Machado de Assis e a Política e outros estudos** (1957), Brito Broca utiliza-se das duas personagens para designar traços de Machado de Assis:

*Alguns dos que conheceram mais de perto Machado de Assis (dito melhor: menos de longe) afirmaram ser Brás Cubas perfeito retrato psicológico do romancista.(...) O Conselheiro Aires!... Todo mundo sabe que este personagem constituía a encarnação de Machado na maturidade. (...) Foi esse como se sabe um dos romances em que pôs muito de si, da imensa solidão que o envolveu e que aceitou estoicamente, depois da morte da esposa. O substrato biográfico é visível. O Conselheiro Aires encarna a tristeza resignada, a filosofia de conformação de Machado de Assis, já velho e só no mundo. (Broca, 1957, p. 30 e 41)*

Pelas citações mencionadas, pode-se conferir que o ensaísta chega a usar testemunhos de pessoas para desenvolver a premissa.

Leitor dessas considerações, Maranhão incorpora-as ao seu romance, ao



realizar uma biografia ficcional que retrata Machado de Assis mesclado a suas personagens Aires e Aguiar, complementando-a com recortes de romances machadianos em que se misturam personagens e suas falas. O capítulo XVII, declaradamente armado com excertos do **Quincas Borba**, refere-se a personagens de **D. Casmurro** e se chama “O meu vizinho de Matacavalos”. Provavelmente, Maranhão deseja perfazer o trajeto indicado pelo filósofo e Aires, que transitam por duas obras.

Outras interpretações posteriores também serão incorporadas ao romance, a partir das cartas e da forma de diário, adotada por Machado, que vão aparecer, por exemplo, nos capítulos III e XXV, como modo de agrupar autobiografia e análise da obra. Haroldo Maranhão posiciona-se, pois, no ponto em que o autor confina-se com o leitor, inscrevendo o seu texto como um fato de leitura e um de escritura, um romance que criativa e prazerosamente lê e recria as obras de seu escritor preferido.

O silêncio, condição específica da leitura, torna-se voz explícita neste **Memorial**, identificada como a voz de seu autor no *post scriptum* que finaliza o texto romanesco. Por ele, fica-se sabendo que Machado serve de modelo, autor-padrão, exemplo do que há de melhor na literatura brasileira. Graças a esse expediente, o escritor-leitor expõe em qual linha de tradição pretende inserir-se no panorama mais amplo da literatura nacional. Sob esse ângulo, o liame que o ata ao romancista passa a ser índice de identificação, por se prender à escolha de Machado de Assis como mestre. E a presença da obra posterior poderá ser situada no espaço dinâmico da diferença e da semelhança, do conflito e da continuidade. Colocando-se como “mal arranjada imitação, ou pastiche”, torna-se apta a questionar a propriedade literária, a eleger a literatura como espaço de co-participação, terreno que não pertence a ninguém porque é de todos. Daí resulta uma concepção de expressão artística como algo ao mesmo tempo individual e coletivo, também assinalada no registro textual, que convoca Machado de Assis a ser co-autor do livro – excertos de seus romances ajudam a construir capítulos da nova obra, como o anteriormente comentado.

Operando a literalização do modelo, reconhecido em seu valor literário, o receptor-escritor tem interesse em deixar transparecer no seu trabalho aquele que o precedeu, como explica no *post scriptum* do **Memorial do fim**.

*Preciso dar conta do que se deu nos capítulos IV, XVII, XXVI, XXXV. Neles, não há nenhuma palavra minha. Foram armados como se arma um puzzle, utilizando-se excertos de Machado de Assis de cada qual de seus primaciais romances, com a diferença de que o resultado final evidentemente não reflete ou resume o **Memórias póstumas de Brás Cubas** (capítulo IV), o **Quincas Borba** (capítulo XVII), o **Esau e Jacó** (capítulo XXVII) e o **Memorial de Aires** (capítulo XXXV). São homenagens que sabidamente se prestam aos grandes artistas e às grandes admirações literárias. Na música, não é incomum um compositor citar outro, sem aspas. (Maranhão, op. cit., p. 184)*

Esse trecho, ao falar do processo de composição do romance e do tipo de intertextualidade que mantém com a obra-matriz, permite que se interprete o procedi-

mento como uma interferência no espaço que o autor ocupa na história da literatura brasileira. Ler Machado pela ficção vai estabelecer, pois, um importante elo na cadeia significativa da historiografia literária. O livro que se ata tão determinadamente a seu modelo não tenta reconstruir o vivido ou o escrito, mas articulá-lo, no presente, com o escritor-leitor que o vive e o constrói. Não se trata de uma operação narcísica em que o escritor se assimila à imagem refletida do mestre. Ao fazer da homenagem uma parceria com o texto dominante – o autor o revive mediante procedimentos específicos de citações e jogos intertextuais com a obra machadiana – o novo texto, a leitura-ficção mostra-se como jogo diferencial, exercício de sua individualidade.

O escritor que morre/revive no **Memorial do fim** atravessa os romances de sua autoria na mesma proporção com que freqüenta as biografias e estudos sobre ele. Permite, pois, ao leitor observar um deslocamento interessante quanto ao conceito da canônica formulação de valor literário – Machado de Assis deixa de ser o lugar de referência que estabelece hierarquias e a sua obra pode ser usufruída com o entusiasmo da participação coletiva. Tal participação suscita a familiaridade necessária à empatia com a figura humana do escritor, desmitificando e dessacralizando o “bruxo do Cosme Velho”. O romance leva o leitor a retirá-lo das prateleiras e dos arquivos das bibliotecas e a conviver com ele e com sua obra, ao baralhar os limites entre a obra e a vida do escritor e escrever um memorial que se liga a um fim – Machado de Assis.

#### ABSTRACT

This paper attempts to analyse the narrative strategies of Haroldo Maranhão's novel **Memorial do fim**. (**A morte de Machado de Assis**) (1991), by showing how its reading and writing process interacts with Machado de Assis's work, the author's biographies and the critical essays about it.



### Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962.
- BEHAR, Lisa Block de. **Una retórica del silencio, funciones del lector y procedimientos de la lectura literaria**. Mexico, Espanha, Argentina, Colômbia: Siglo XXI Editores, 1984.
- BROCA, José Brito. **Machado de Assis e a Política e outros estudos**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1957.
- ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. Trad. Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. **Vida e obra de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4v.
- MARANHÃO, Haroldo. **Memorial do fim: a morte de Machado de Assis**. São Paulo: Marco Zero, 1991.
- MENDONÇA, Salvador. Carta aberta ao escritor Machado de Assis. **Jornal do Comércio**, 1 de setembro de 1908.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. 6. ed. revista. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988.
- VIANNA Filho, Luís. **A vida de Machado de Assis**. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1989.
- WERNECK, Maria Helena. **O homem encadernado: Machado de Assis na escrita das biografias**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.